

SEÇÃO DE LIVROS

# CASTOR MANCO:

## A Vida de um Índio das Planícies



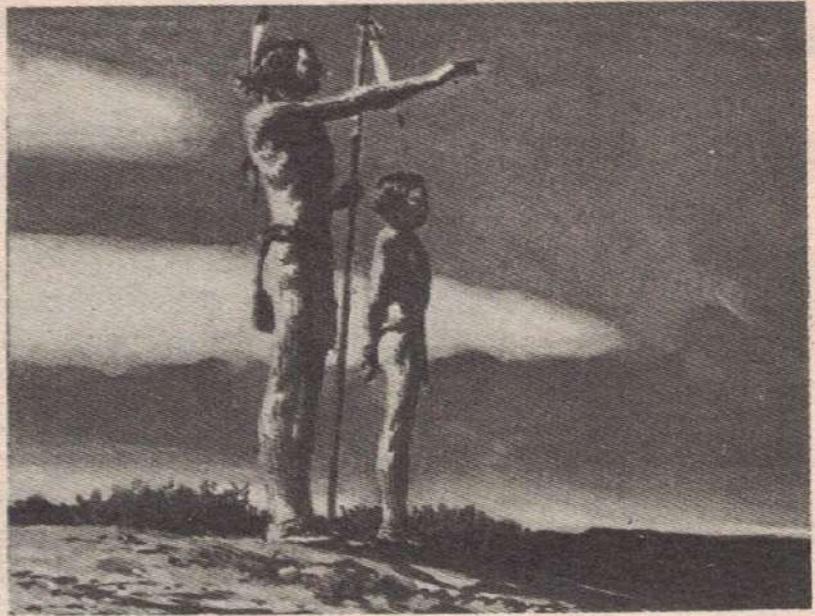
Condensado de "Centennial"<sup>1995</sup>

**James A. Michener**

## James A. Michener

### CASTOR MANCO:

A Vida de um  
Índio das Planícies



A obra mais recente de James A. Michener, a ser publicada oportunamente, é uma novela sobre o Oeste norte-americano. No famoso estilo de *Hawáii* e *The Source*, descreve o desenvolvimento do Velho Oeste, desde as eras geológicas mais remotas até a atualidade, numa série de episódios dramáticos admiravelmente interligados. O autor fala sobre os animais que habitaram as Grandes Planícies e montanhas, e sobre os homens, brancos e índios, que ali se radicaram. Embora fictício, o livro se baseia em pesquisas minuciosas.

Castor Manco viveu nas planícies quando elas eram ainda livres e quase desabitadas, na última fase gloriosa da cultura dos índios. A vida desse povo e de seus inimigos está gravada para sempre na história do continente norte-americano, não apenas nos nomes das povoações que ainda se encontram ao longo das estradas, mas nas tradições memoráveis de uma raça nobre.

**N**osso Povo, como eles se chamavam, era uma tribo de índios altos, esbeltos e com tradições tão antigas que pareciam gravadas no tempo. Eles tinham fé no Homem do Alto e, durante a guerra, se apegavam à Flauta Lisa, o totem sagrado da tribo. Era uma flauta de lados lisos, vigiada constantemente por um guardião e reverenciada tal como o era a Arca da Aliança pelos antigos israelitas. A Flauta Lisa tinha uma importância crucial, porque o Nosso Povo era cercado de inimigos e, sem sua proteção, já teria sido derrotado há muito tempo.

No ano de 1756, um grupo do Nosso Povo, que sobrevivia precariamente nas planícies entre os rios North e South Platte, enfrentava a última de uma longa série de crises que haviam atormentado a tribo desde longa data. Os índios que os cercavam tinham cavalos e, em pouco tempo, teriam espingardas; eles não possuíam nada.

Naquele ano, aos nove anos de idade, Castor Manco foi avisado de más notícias por seu pai\* Lobo Cinzento (isto é, o irmão mais velho de seu pai verdadeiro): «Nunca se esqueça de que Nosso Povo está cercado de inimigos. Ao norte», e Lobo Cinzento apontou nessa direção, «os dacotas, guerreiros temíveis. A oeste, os execráveis utes. Ao sul, os comanches, que têm cavalos. A leste...», e, dizendo isto, virou o menino para os Morros Cascavel e as campinas ao longe, «...lá, sempre de emboscada, sempre

\* De acordo com a tradição tribal, os tios de uma criança eram considerados também seus pais.

astuta, está a tribo quase impossível de derrotar.» Mordendo o lábio inferior, sentiu um ódio tão grande que, por um momento, não pôde falar. Então, brandindo a lança com penas na direção leste, rosou: «Os pawnees.»

Sentou o menino numa pedra e continuou: «De manhã, ao se levantar; à noite, antes de dormir, e, especialmente, quando estiver de guarda na colina, olhe sempre para as quatro direções e pergunte a si próprio: *Onde se esconde meu inimigo?*»

«Nunca tenha medo da guerra. O ato mais nobre de um guerreiro é atingir um inimigo em combate e marcar ponto. Seria vergonhoso morrer como um covarde, sem nunca ter marcado um ponto.»

Castor Manco sabia tudo a respeito de marcar pontos. Os jovens falavam disso constantemente — de como estavam preparados para correr para um ute e tocá-lo com a mão ou a lança e, assim, marcar pontos. Estavam adestrados até para enfrentar um comanche a cavalo e arrostar sua lança, na esperança de dar um golpe, pois um homem que deixasse de marcar um ponto não era respeitado entre Nosso Povo. Castor Manco se gabava diante dos companheiros: «Eu atacaria até um pawnee para marcar ponto.» No entanto, nenhum deles acreditava nisso.

Depois de uma longa pausa, Lobo Cinzento disse: «Só as pedras vivem eternamente. Um guerreiro nasce para viver durante algum tempo, e só luta enquanto o Homem do Alto permite. Respeita a Flauta Lisa e marca quantos pontos quiser. No fim, se esse guer-

reio tiver sorte, morre em combate, lutando contra o inimigo, levando a maior palma de todas: a morte na vitória.»

O rosto de Lobo Cinzento era profundamente sulcado, e a poeira aparecia nas rugas. Seus olhos mostravam tristeza. A voz era grave e, naquele momento de comunicação silenciosa, Castor Manco compreendeu que seu verdadeiro pai, Sol do Meio-dia, fora morto. «Ele morreu em combate?»

Lobo Cinzento acrescentou: «Ele estava tentando marcar ponto num pawnee.»

«E conseguiu?», perguntou Castor Manco.

«Não», replicou Lobo Cinzento. Teria sido inútil mentir sobre tal coisa, pois naquela noite, quando os guerreiros se reunissem em volta da fogueira e recordassem a batalha do dia, haveria decisões honestas quanto a quem tinha marcado pontos ou não, e nem mesmo a morte de um guerreiro que, entre a tribo, tivesse reputação de valente, como Sol do Meio-dia, justificaria uma mentira.

Entre as gentes de Nosso Povo, era permitido que quatro guerreiros marcassem ponto num único inimigo. O primeiro a tocá-lo gritava para todos ouvirem: «Eu primeiro»; o outro a seguir: «Eu segundo»; e assim sucessivamente. Quando o combate terminasse, esses guerreiros e suas testemunhas se reuniam. Um bravo podia afirmar: «Ganhei o primeiro ponto no chefe pawnee.» Mas, antes que alguém dissesse «Eu o vi tocar o pawnee primeiro», o prêmio não era concedido.

Matar o inimigo? Isso não significava nada. Se era preciso liquidá-lo, matava-se, mas isso não contava no que dizia respeito a marcar pontos. Arrancar o couro cabeludo? Isso também nada representava. Era apenas um ato que alguns guerreiros praticavam quando queriam decorações para suas tendas. Um guerreiro podia matar um inimigo, escalpá-lo e, assim mesmo, não ter qualquer mérito, desde que quatro outros guerreiros tivessem marcado pontos nele primeiro.

«Sol do Meio-dia fracassou?», perguntou o menino.

«Ele tentou. O pawnee estava a cavalo e passou muito depressa.»

«Trouxe o corpo dele para casa?», insistiu o garoto.

«Só as pedras vivem eternamente», disse Lobo Cinzento. «O pawnee pegou o corpo dele, escalpou-o e ele está morto.»

### O velho amarrado ao poste

NA PRIMAVERA de 1764, quando Castor Manco tinha 17 anos, o Nosso Povo se reuniu em conselho e decidiu que era humilhante continuar a existir sem cavalos, uma vez que os comanches, os pawnees e até os utes os tinham. Não era apenas o fato de estar em desvantagem para fazer a guerra. Nosso Povo também passava fome quando as manadas de bisões fugiam para longe. Deslocando constantemente seus acampamentos, tinham de levar os pertences às costas das mulheres ou em trenós puxados por cães — armações de madeira, em forma de A, cujas hastes arrastavam no chão.

«Sou um homem velho», disse Orelhas Frias, que tinha muitos pontos a seu crédito. «Meus dentes se quebram. Meu filho está morto e não tenho mais vontade de viver. Devemos atacar os pawnees para capturar cavalos e, quando o fizermos, eu me amarrarei a uma estaca.»

Nosso Povo sabia que era prerrogativa de um guerreiro morrer dessa maneira, e todos concordaram que fosse concedido esse privilégio a Orelhas Frias. Castor Manco ficou tão estimulado com tal compromisso que pediu permissão para ir junto, e ela lhe foi concedida, pois era tido como um jovem bravo.

Por três dias, o grupo de guerreiros viajou para leste. Durante o calor do dia, dormiam em áreas abrigadas, mas, ao se aproximar o crepúsculo, começavam a caminhar em passo rápido. Passado algum tempo, abrandavam a marcha, e depois tornavam a correr, repetindo o ciclo até depois do alvorecer.

Logo depois do pôr-do-sol, no terceiro dia, Castor Manco e um índio mais velho foram enviados à frente, para ver se podiam localizar o acampamento dos pawnees. Rastejaram por entre as plantações de algodão, aproximando-se a uns 400 metros do inimigo.

Castor Manco sussurrou: «É apenas um grupo de caçadores — não um verdadeiro acampamento.»

Seu companheiro acrescentou: «Eles têm cavalos. Olhe!»

Agachados, voltaram ao grupo de guerreiros, e o mais velho deixou Castor Manco falar primeiro: «Não há

muitos pawnees lá, mas têm muitos cavalos — e esses terão de ser nossos.»

Antes da madrugada, Orelhas Frias despediu-se de seus companheiros e avançou silenciosamente, parando atrás de um outeiro à beira do acampamento dos pawnees. Os caçadores pawnees estavam se reunindo. Quando saíram do acampamento, Orelhas Frias apareceu e agitou os braços para assustar os cavalos. Os pawnees viram que ele tinha se amarrado a um poste, e compreenderam que era a guarda avançada do inimigo.

Um chefe pawnee esporeou o cavalo freneticamente, abaixou a lança e se dirigiu para o inimigo amarrado. Com grande destreza, Orelhas Frias esquivou-se da lança, agarrou a haste com a mão direita e, com uma torção súbita, fez o pawnee cair do cavalo, esbofeteando-o com a mão esquerda. Foi um ponto valioso — um dos mais heróicos nos anais do Nosso Povo.

Estava declarada a guerra. Orelhas Frias, ainda amarrado, dirigia os companheiros, e muitos pontos foram contados. Finalmente, a maior rapidez e melhor estratégia dos pawnees começaram a se manifestar, e Nosso Povo teve de retroceder.

Orelhas Frias, segundo seu compromisso, teria que ficar onde estava, preso ao solo por correias de couro de bison, e lutar contra o inimigo enquanto suas forças durassem. Poderia ser solto, mas só se um chefe importante desamarrasse as correias com as próprias mãos. Defendendo-se com a lança, havia se esquivado dos primeiros golpes. Com lágrimas de desespero em seus olhos de velho, esperou.

Três pawnees cavalgaram diretamente para ele. Talvez por milagre, evitou as lanças inimigas e conseguiu inutilizar um cavalo com a sua. Os pawnees pararam para socorrer o cavalo, mais importante para eles do que um velho guerreiro amarrado, e, quando se voltaram para retomar o ataque, presenciaram um ato extraordinário.

Um jovem guerreiro se separara do grupo principal de inimigos que se retiravam e veio correndo para enfrentar as investidas ao lado do velho. Era Castor Manco. Curvando-se, cortou as correias e se empertigou em atitude heróica.

Com coragem e habilidade, os dois guerreiros mantiveram o inimigo à distância, derrubando-lhes as lanças com seus tacapes. Passo a passo, foram recuando. No quarto ataque dos pawnees, Castor Manco se adiantou e tocou um deles, contando um ponto evidente e incontestável.

Este feito inspirou Nosso Povo, e todos os guerreiros correram para cercar Orelhas Frias e seu salvador. Quando os pawnees viram como eram corajosos aqueles homens que lutavam a pé, retiraram os cavalos.

Nessa batalha famosa, que foi reverenciada na história de cada tribo e contada aos homens brancos um século depois, 11 bravos do Nosso Povo enfrentaram 19 pawnees. Foram feridos três do Nosso Povo e dois pawnees. Ninguém morreu.

Quando o grupo guerreiro voltou aos Morros Cascavel, não houve lamentações. Mais uma vez, os homens de Nosso Povo fracassaram em obter

cavalos. Castor Manco também não recebeu quaisquer elogios por ter soltado Orelhas Frias, pois a libertação de um companheiro era prerrogativa exclusiva dos chefes, e fora um atrevimento ter ele se encarregado disso.

### Penhasco abaixo

NUMA MANHÃ de 1768, quando Castor Manco tinha 21 anos, chegou um batedor com notícias emocionantes. Uma manada de bisões fora avistada ao longe, a noroeste, e parecia se deslocar numa direção que os levaria aos penhascos calcários, relativamente próximos. Em conseqüência, toda a tribo partiu para interceptar os animais.

Marcharam durante três dias e, ao cair da tarde do último dia, avistaram os bisões. Era uma grande manada, de vários milhares pelo menos, e que se deslocava lentamente. O estratagemma seria guiá-los na direção dos penhascos, de tal forma que os bisões não se apercebessem disso e fossem encurralados de surpresa.

Os chefes decidiram que o grupo maior do Nosso Povo fosse em direção oeste, silenciosamente, cercando a manada por trás e mantendo-se alerta para o caso de os bisões quererem fugir. Outros, à esquerda e à direita, tentariam impedir movimentos de flanco da manada. Castor Manco foi escolhido para ser um dos sete «lobos». Eram assim chamados os guerreiros que se enrolavam em peles de lobo, de modo que ficassem bem camuflados. Com esse disfarce, rastejavam em direção à manada.

Durante dois dias, a tribo Nosso Povo acompanhou os bisões. Os índios que a tinham cercado por trás procuravam comprimir o rebanho. No terceiro dia, tornou-se evidente que tinham uma boa oportunidade de dirigir os bisões para os penhascos. Os sete homens-lobos receberam então os melhores arcos e flechas que a tribo possuía, de modo que, se a grande tática falhasse, eles pudessem pelo menos abater alguns dos animais.

A decisão final de quando provocar o estouro da manada foi entregue a um conselho que incluía Orelhas Frias, o mais hábil caçador de bisões entre os homens da tribo. «Ficarei na ponta da esquerda», disse Orelhas Frias. Todos sabiam que esse era o ponto crucial, porque se os bisões estourassem nessa direção e fossem para a planície nunca mais seriam apanhados.

Dois chefes mais velhos, com experiência de muitas caçadas, receberam a incumbência de provocar o estouro. Com um grito selvagem investiram para a dianteira do rebanho. Ao mesmo tempo, os que estavam atrás correram gritando e jogando pedras na retaguarda da manada. Os bisões entraram em pânico e, por instantes, pareceu que os animais poderiam simplesmente rodopiar em confusão e não correr para o penhasco. Os chefes tinham previsto isso. Uma equipe de jovens bem armados começou a atirar pedras nos animais da dianteira e, depois de alguns momentos de grande hesitação, quando todos os índios rezavam pedindo auxílio ao Homem do Alto, a grande manada começou a galopar.

No último instante, porém, ela principiou a se desviar em direção à planície, e tudo parecia perdido. Nosso Povo teria apenas os poucos bisões caçados pelos homens-lobos. Todo o resto daquela carne tão necessária e daquelas peles para agasalhos iriam escapar.

De seu posto na ponta esquerda, Orelhas Frias correu à frente para investir contra os bisões. Agitando os braços e levantando a voz estridente acima do barulho do tropel, ele se colocou na frente dos animais fugitivos e os desviou ligeiramente para oeste. Os bisões que vinham atrás avançaram em bloco sobre o homem já caído, mas a manada fora impedida de fugir.

Como uma avalanche rolando pelas encostas das montanhas, a horda dos bisões corria para o desfiladeiro desejado, com Nosso Povo acenando e gritando para mantê-los em rebanho. De súbito, os animais da frente tentaram parar, raspando furiosamente a terra com as patas dianteiras e berrando de medo, mas os que os seguiam chocaram-se contra eles e os precipitaram pelos penhascos abaixo; depois, os que haviam empurrado os primeiros foram impelidos pelos que vinham atrás. Animais que pesavam quase uma tonelada se espatifavam lá embaixo sobre os outros já empilhados, quebrando pescoços, pernas e espinhas dorsais — tudo isso em meio a densas nuvens de poeira e mugidos confrangedores.

Quatrocentos animais jaziam perto da base dos penhascos, mortos ou tão feridos que podiam ser abatidos facil-

mente pelas mulheres encarregadas de esquarterá-los. Só as melhores reses, as de carne tenra, foram completamente desossadas. Das outras, retiraram-se apenas as línguas (por motivos rituais) e nacos de carne mais macia.

Castor Manco, observando toda aquela confusão e apreciando o fato de que só a bravura de Orelhas Frias, levada até o sacrifício, havia possibilitado o sucesso do rodeio, disse consigo: «Não é bom caçar bisões deste modo. Os animais em baixo da pilha estão tão cobertos pelos de cima que nem mesmo os abutres poderão chegar a eles. Isto devia ser feito com cavalos.» Entretanto, aquela era a técnica de caçar que havia sido usada nas planícies setentrionais durante mil anos pelas diversas tribos de índios da região.

Então, teve uma idéia: «Se queremos cavalos, devemos ir onde eles estão.» Não haveria mais escaramuças com os pawnees, que tinham apenas alguns cavalos. Invadiriam o território dos comanches, onde havia centenas.

### Três homens corajosos

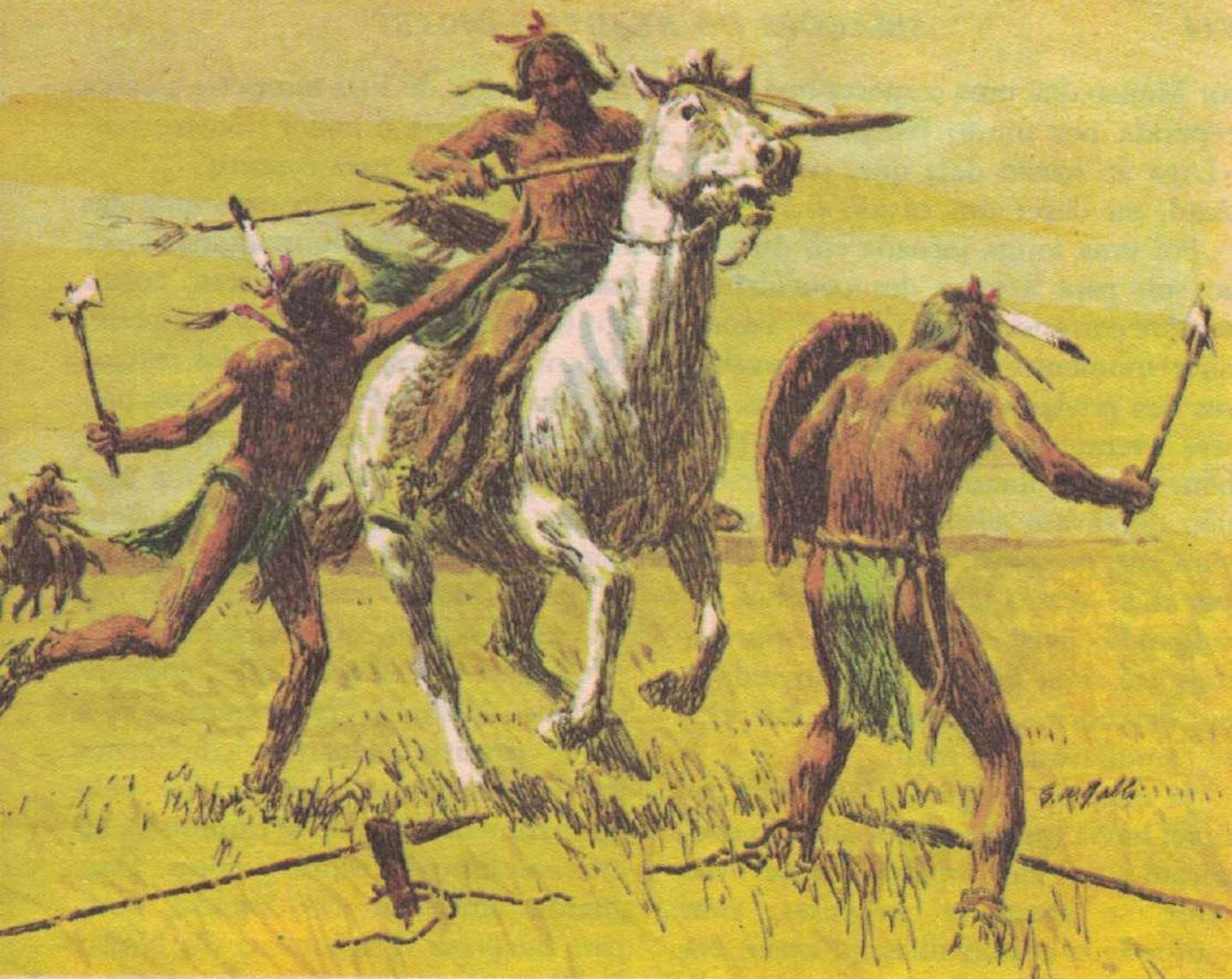
ELE TRAÇOU seus planos cuidadosamente. Levaria consigo apenas dois guerreiros, e, por alguns dias, enquanto a tribo conduzia os carregamentos de carne de bisão e peles para os Morros Cascavel, ele estudou seus prováveis companheiros para a missão. Foi recusando, um após outro, todos aqueles que não lhe mereciam confiança para a grande tarefa.

Com o tempo, começou a se concentrar num jovem guerreiro chamado Nariz Vermelho, imperturbável, sem muita imaginação mas de bravura indiscutível. Era a espécie de jovem que desde cedo ambiciona a posições de liderança. Todos os seus atos pareciam estar canalizados para esse desígnio. Falava com sobriedade, concordava prudentemente quando os mais velhos opinavam e se comportava com dignidade. Já era quase um líder, um homem em quem se poderia confiar integralmente, porque sua própria vaidade não lhe permitiria fracassar.

Uma noite, Castor Manco se dirigiu a Nariz Vermelho e perguntou: «Está disposto a vir comigo num grande feito? Algo que trará cavalos para nossa tribo?» Nariz Vermelho ponderou, como Castor Manco sabia que ele iria fazer, e respondeu: «Para obter cavalos eu faria qualquer coisa.» Os dois homens apertaram os ombros um do outro.

Então, Castor Manco passou a dirigir sua atenção para um homem de poucas possibilidades chamado Joelho de Pau. Ele não tinha qualquer das características de Nariz Vermelho; era rechonchudo, falava muito e seu rosto era um sorriso aberto, mas tinha uma virtude indispensável para uma missão perigosa: lealdade absoluta.

Chegou o dia em que os três voluntários tiveram de apresentar seu plano ao conselho tribal, e Castor Manco, prudentemente, encarregou Nariz Vermelho dessa tarefa. «Se toda a tribo se movimentar para o sul, a fim de



fazer guerra contra os comanches, eles estarão preparados», disse Nariz Vermelho. «Perderemos muitos guerreiros e não agarraremos muitos cavalos. Nós três iremos secretamente. Se fracassarmos, só três se perderão. Se formos bem sucedidos, teremos cavalos.»

Depois de muita controvérsia, a permissão foi dada, e um dos três pais de Castor Manco foi incumbido de aconselhar os jovens guerreiros inexperientes. «Vocês sabem», disse ele, «que os comanches torturam terrivelmente os inimigos que capturam. Diz-se que quando um homem é agarrado por um comanche morre 11 vezes. Se a missão fracassar, esperem

até o último momento; então, se matem. Se, por acaso, um de vocês se encontrar em situação de que não possa sair com vida, os sobreviventes devem prometer matá-lo antes de partirem. Estão de acordo?»

Os três companheiros concordaram plenamente com as objeções do velho guerreiro.

Então, o pai de Castor Manco afastou-se com ele e disse: «Vejo-o observando muito Folha Azul. Seus olhos parecem ter se voltado para ela.» Castor Manco concordou em silêncio, e o pai continuou: «Enquanto você estiver fora, falarei com o irmão dela para saber quantas peles Folha Azul terá como dote.» Em face disso, Cas-

tor Manco deu uma resposta que seria repetida por muito tempo na tribo: «Diga ao irmão dela que, por Folha Azul, eu darei um cavalo.»

Foi uma longa jornada em direção ao sul, para a terra dos comanches, sempre correndo o risco de que, a qualquer momento, esses hábeis cavaleiros das pradarias os descobrissem. Os três aventureiros, porém, eram também bons conhecedores da planície e não deixavam pistas; não denunciavam sua presença. Nos últimos dias, por duas vezes, viram comanches cavalgando pelas cristas dos morros, mas até uma águia teria dificuldade em descobrir os intrusos quando eles se camuflavam no mato.

Já estavam longe dos Morros Cascavel havia muitas noites quando chegaram a um rio impetuoso, que mais tarde se chamaria Arkansas, com muita água e duas ilhas no meio. Na margem oposta, ficava uma grande aldeia comanche, assinalada por algo que alegrou seus corações: um cercado de arbustos entrelaçados, dentro do qual havia pelos menos 90 cavalos.

Por dois dias, os três aventureiros ficaram escondidos na margem norte do Arkansas, observando qualquer movimento ao sul. O plano que idealizaram era bom. Podiam atravessar para a margem sul antes da meia-noite, antes que começasse a guarda seguinte. Permaneceriam escondidos na escuridão e, pouco antes do nascer do dia, assaltariam o cercado. Castor Manco eliminaria o guarda mais próximo do acampamento; Nariz Vermelho faria o mesmo ao outro perto do

rio; e Joelho de Pau romperia a cerca e encaminharia o maior número possível de cavalos para o norte.

Atravessariam então para uma das ilhas, se reuniriam ali, montariam três cavalos e conduziriam o resto consigo. Castor Manco e Nariz Vermelho teriam de dispersar os cavalos restantes, de modo que os comanches não pudessem ir em sua perseguição.

Foi Joelho de Pau quem fez a pergunta embaraçosa: «Como sabem que poderemos montar os cavalos?»

Castor Manco respondeu: «Se um ute sabe montar, eu também sei.»

Chegaram à margem sul e, com ansiedade crescente, esperaram que a noite passasse. Guardas comanches movimentavam-se ao acaso pelo acampamento, dando a impressão de que não estavam muito atentos. Dois guardas entraram no cercado, mas, para surpresa dos homens do Nosso Povo, logo saíram e foram passar a noite dentro de suas tendas. Ficou combinado que Castor Manco atacaria o único guarda do acampamento, deixando Nariz Vermelho livre para ajudar Joelho de Pau. No entanto, quase ao alvorecer, até o guarda solitário foi para sua tenda. O acampamento ficara totalmente abandonado.

Trabalhando com calma e precisão, os três guerreiros tiraram proveito de uma situação pela qual não esperavam. Quebraram grande parte da cerca, escolheram 29 cavalos e espalharam os outros silenciosamente. Conduziram seus cavalos para o rio, chegaram à ilha e partiram antes que os comanches da aldeia se apercebessem do que havia acontecido.

Foi a missão mais inteligente que os homens do Nosso Povo jamais arquitetaram, pois os 29 cavalos estavam bem ao norte do Arkansas, dirigindo-se a salvo para os Morros Cascavel, antes que o primeiro guerreiro comanche atravessasse o rio — mas sem cavalo.

«**Eu me oferecerei**»

POUCO depois dessa incursão, um dos pais de Castor Manco procurou-o outra vez, a respeito do casamento com Folha Azul. Na ocasião oportuna as providências foram tomadas. Como havia prometido, ele deu ao irmão de Folha Azul um cavalo, e então, diante dos chefes reunidos, o irmão conduziu a irmã. Lentamente, ela caminhou até Castor Manco, estendendo as mãos e se oferecendo a ele.

Castor Manco entrava agora num mundo estranho, o de um homem casado, no qual o comportamento era rigorosamente definido. Ele não podia, por exemplo, falar com a mãe de sua mulher, até a ocasião em que lhe oferecesse um presente digno. Nos «períodos da lua», a mulher tinha de viver numa cabana especial, juntamente com outras mulheres que estivessem na mesma situação, e, enquanto residisse ali, não devia falar com qualquer homem ou criança, para que não fizesse cair sobre eles nenhuma maldição. A compensação consoladora era a de que, com o casamento, entravam para a sociedade afetuosa e infinitamente ampla da aldeia índia. Ali, um homem tinha três ou quatro pais e, com freqüência, um

número igual de mães. As crianças da tribo pertenciam a todos. Criar e educar os jovens eram responsabilidades comuns e os castigos e palavras ásperas eram desconhecidos.

Era uma comunidade em que cada membro fazia o que queria, e onde os homens chamados chefes ocupavam esses lugares não por hereditariedade mas por aprovação de seus vizinhos. Não havia um cacique nessa aldeia, nem no resto da tribo; só existia um conselho de homens mais velhos, para o qual qualquer guerreiro podia ser eleito. Era uma das sociedades mais livres que se podiam imaginar, regida apenas pela crença no Homem do Alto, a confiança na Flauta Lisa e nos costumes herdados do Nosso Povo. Desfrutavam de um modo de viver idealmente ajustado aos nômades da planície, onde o espaço era sem fim e as reservas de bisões inexauríveis.

Nessa época, Castor Manco media cerca de 1,80 m de altura e pesava quase 80 quilos, o que lhe dava um aspecto forte e esguio. Tinha o cabelo preto, partido ao meio em duas tranças que lhe caíam pelos ombros e eram amarradas com tiras de couro de bisão ornamentadas com dentes de alce. Sua pele era de um bronzeado claro. A maior parte do tempo usava uma tanga ou então andava nu, calçado com mocassins. No inverno, no entanto, gostava de vestir perneiras compridas, cujas costuras externas eram franjadas ou enfeitadas com penas. Usava também um colete, artisticamente pintado, e um manto leve confeccionado em couro de bisão novo.

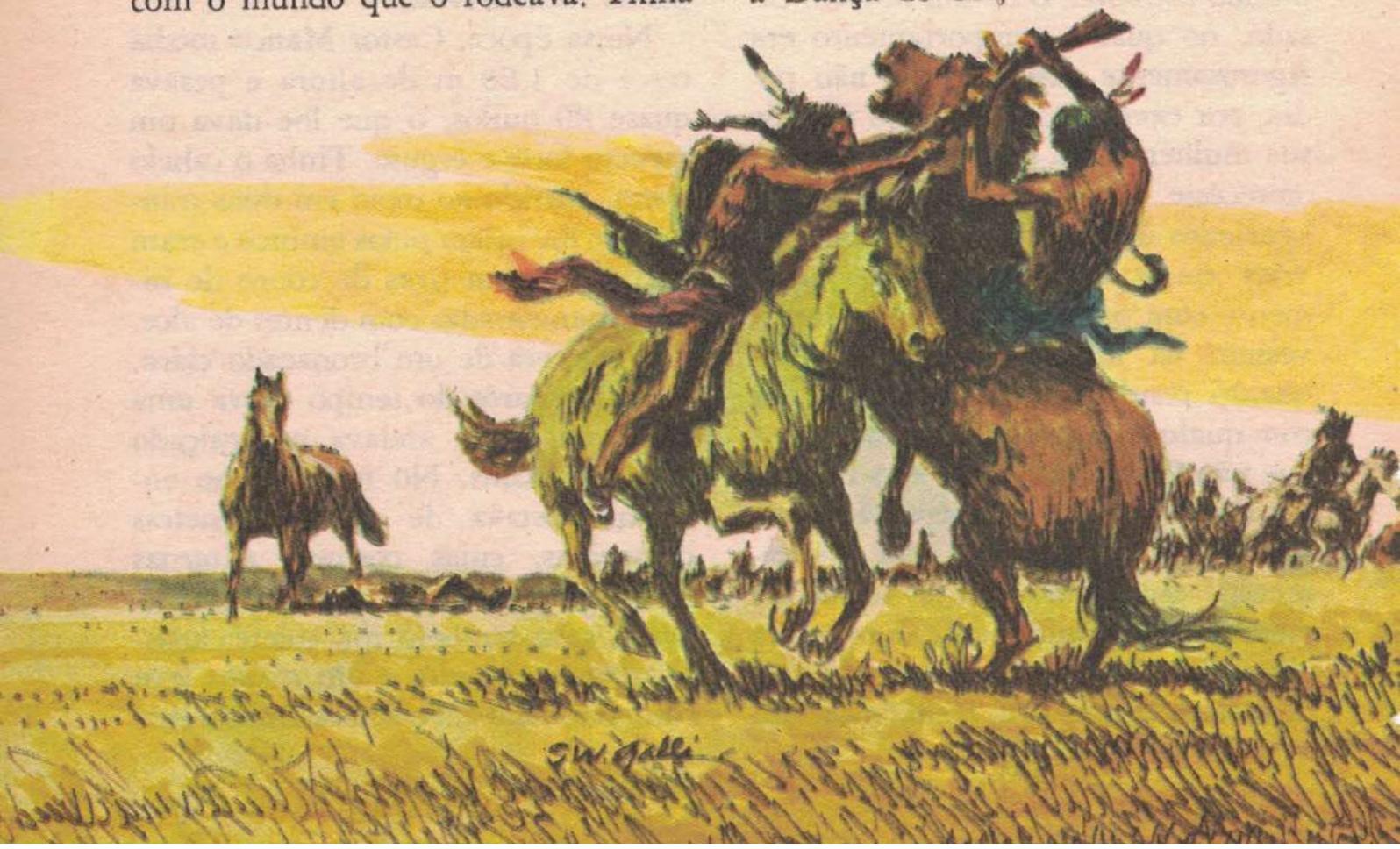
Apreciava a companhia de todos, e estava tão à vontade com as crianças como com os guerreiros mais velhos. Adorava os encantos da vida conjugal e mantinha relações cordiais com seus três pais, três mães e vários outros parentes. Como a maior parte dos indivíduos de Nosso Povo, ele era essencialmente pacífico, evitava a luta sempre que podia, mas reconhecia que o autêntico valor de um homem dependia de sua capacidade de marcar pontos.

Tinha um profundo senso de admiração pelos seres vivos. Melhor do que muitos outros, ele conhecia os hábitos dos bisões e podia seguir o rastro de alces e veados. Sabia onde se encontravam os esconderijos do castor e, pelos indícios de penas de águias, sabia também onde colocar armadilhas para apanhá-las.

Sua inteligência o dotara para lidar com o mundo que o rodeava. Tinha

uma memória excelente, auxiliada por um extraordinário espírito de observação. Como vivia com extrema simplicidade, só se aplicava a problemas singelos. Era completamente alheio a pensamentos abstratos, e se sentia satisfeito por ter seu mundo estreitamente limitado pelos costumes e tradições.

Agora este homem, que, pelo casamento, tinha ficado privado de possuir um cavalo (todos os outros tinham sido distribuídos pelo conselho), decidiu arranjar nova montaria utilizando um plano ousado, mas para fazer o que tencionava, e sozinho, isso requeria um domínio absoluto sobre todas as suas faculdades, coisa que só poderia ser conseguida pela purificação espiritual, oferecendo-se ao Sol. Depois de ponderar sobre sua decisão durante alguns dias, dirigiu-se à mulher e anunciou: «Quando se realizar a Dança do Sol, eu me oferecerei.»



Folha Azul estremeceu, pois sabia muito bem que, quando um homem se entregava ao Sol, ninguém podia prever as conseqüências.

### Provação sangrenta

A CERIMÔNIA da Dança do Sol, em Nosso Povo, era uma celebração que durava oito dias, e tinha tal significado espiritual que, muitas vezes, até os índios de outras aldeias distantes eram convidados a participar. A Flauta Lisa era exibida para outorgar autoridade, e se realizavam numerosos rituais complexos. No quarto dia, eram fincadas estacas no chão, demarcando uma área para o ritual e, no quinto, um lugar sagrado era estabelecido dentro dessa área, marcado por 14 varas de salgueiro pintadas de vermelho e preto, e protegido por uma paliçada de galhos de choupo. No centro, era erguida a Flauta

Lisa, ladeada por duas grandes caveiras de bisão. Sobre cada uma, eram colocadas uma vara pontiaguda de madeira e uma correia de couro. Alguns meninos, já pensando no dia em que teriam de afirmar sua masculinidade, observavam essas caveiras com grande respeito.

Dois jovens guerreiros, conhecidos por sua coragem, se adiantaram, consagraram-se ao Sol e entraram na paliçada, levantando as enormes caveiras de bisão, as varas e as correias. Apresentando-as a um grupo de homens idosos, esperaram impassivelmente.

O homem mais velho dirigiu-se ao primeiro guerreiro, apalpou os músculos de suas costas e espetou-lhe uma vara num músculo retesado. A ponta da vara saiu do outro lado da carne, fazendo jorrar sangue. Para experimentar se a vara estava firme, amarraram nela uma extremidade da cor-



reia e ataram a outra ponta na caveira de bisão, que colocaram nas mãos do jovem. Sem mostrar sinais de dor, este levantou a caveira em direção ao Sol e depois atirou-a ao chão, permanecendo impassível, enquanto os velhos repetiam o ritual com outro companheiro.

Os jovens guerreiros depois deram um pulo em frente. As caveiras de bisão eram arrastadas pesadamente pelo chão, quase arrancando as varas cravadas nos músculos das costas, e os guerreiros dançavam, dançavam, dançavam.

As mulheres cantavam, e os velhos animavam os moços a prosseguir. Durante horas, eles arrastaram as caveiras numa espécie de êxtase. Em dada altura, um chifre de uma das caveiras prendeu-se aos ramos de um arbusto. A correia repuxou, e a vara rasgou o músculo das costas do dançarino, que desmaiou.

Quando chegou a vez de Castor Manco se oferecer, procurou Joelho de Pau, levando-o até onde Folha Azul esperava. Tomando a mão do amigo, Castor Manco colocou-a na mão da esposa e disse em voz alta: «Tome esta mulher. Faça-lhe um filho. Este é o meu primeiro sacrifício.» Então recuou, e observou Joelho de Pau encaminhar Folha Azul para uma tenda especialmente construída para esse fim — o mais sublime do ritual. Castor Manco tinha sacrificado até a esposa, e isso provava sua capacidade para suportar todas as provações.

Estava agora diante de seus três pais, entregando-lhes um par de varas pontiagudas e duas correias muito

longas. O pai mais velho deu um passo em frente, agarrou Castor Manco pela carne do peito e apalpou com os dedos até localizar o músculo peitoral esquerdo do filho. Puxando para retesá-lo, pegou numa das varas e, depois de oferecê-la ritualmente ao Sol, espetou-a sob o músculo até aparecer a ponta no outro lado da carne. O segundo pai fez o mesmo no músculo peitoral direito, contemplando o filho nos olhos, enquanto o moço suportava a dor sem vacilações.

Então, os pais amarraram as correias nas varas e fizeram sinais para a assistência. Um rapaz deu um pulo em frente, pegou as pontas soltas das correias e subiu ao alto de um poste colocado no meio da área do ritual. Aqui, passou as correias por um corte no poste, deixando as pontas caírem livremente. Oito homens fortes agarraram cada correia e içaram Castor Manco no ar, até ficar suspenso a mais de dois metros do solo, com todo o peso do corpo suportado pelas varas atravessadas no peito.

Castor Manco sentia a dor provocada pelo peso do corpo e murmurou: «Isto vai me arrebentar.» Seus músculos, no entanto, não se dilaceraram. Na primeira fase do ritual, quando o Sol estava quase a pino, ele sentiu as dores mais intensas e, por momentos, pensou que iria gritar para que suspendessem a cerimônia, mas quando o Sol brilhou sobre ele ao meio-dia, experimentou uma sensação de alívio, como se tivesse aniquilado a dor com sua bravura; nas últimas quatro horas, ficou em êxtase, heróico, capaz de enfrentar qualquer ini-

migo. Num estado de espírito cuja lembrança permaneceria com ele pelo resto da vida, suportou com grande coragem as horas finais e observou com certa tristeza o Sol desaparecendo no horizonte e libertando-o de sua provação.

Os pais baixaram-no ao solo e, cuidadosamente, retiraram-lhe as varas que lhe traspassavam a carne. Então, esfregaram sal e cinza nas feridas abertas — o sal para limpá-las e a cinza para formar tatuagens que marcariam Castor Manco para sempre como um elemento excepcional do Nosso Povo.

No sétimo dia, Castor Manco dormiu numa tenda especial. Estava com febre tão alta e os membros tão doloridos que mal podia movê-los. Contudo, os velhos que haviam sofrido a mesma tortura em sua mocidade sabiam como tratar dele, de modo que, no último dia, estivesse preparado para a provação final. Castor Manco e os moços que tinham arrastado as caveiras de bisão com as varas espetadas nas costas reuniram-se num círculo em volta do altar onde estava a Flauta Lisa, e começaram uma dança solene. Ao som de tambores e vozes cantando, eles se moviam, de maneira a ficarem sempre de frente para o Sol.

Executaram essa dança durante oito horas, encorajados pelos parentes. Sofrendo os tormentos da sede, continuaram até que suas pernas pareciam que iriam ceder. Durante todo o ritual, os outros estimulavam-nos a continuar, a permanecer fortes, até que o Sol se escondesse.

Nessa noite, Castor Manco voltou à sua tenda, onde Folha Azul o esperava: «Agora estou pronto para ir», disse ele.

### Dádiva do Sol

ANTES do alvorecer, ele partiu para um encontro com os pawnees, sem fazer barulho nem deixar pegadas. Caminhou para o sul, em direção ao Kansas, e sempre ao longo do Rio Grande Azul, mas os pawnees não andavam caçando nessa área. Então, voltou em direção ao rio Arkansas, e aqui avistou um acampamento de caçadores pawnees, com muitos cavalos. Para ter um mínimo de sucesso, precisava que tudo estivesse a seu favor. Permaneceu escondido por três dias, observando.

No quarto dia, concluiu que, se um guerreiro solitário tivesse de ter uma oportunidade, seria naquele momento. Os caçadores pawnees tinham feito uma incursão a cavalo para muito longe, na direção oeste (o que era uma longa distância para os pawnees), e voltaram muito cansados. Os do acampamento tinham matado bisões durante três dias, e isso era trabalho pesado. Decidiu que, à noite, atacaria.

Adormeceu, e só acordou à meia-noite. Respirando profundamente e recordando sua devoção ao Sol, tocou o peito tatuado e disse: «Sou do Nosso Povo. Homem do Alto, ajuda-me!»

Quase ao romper do dia, rastejou ao longo da extremidade mais distante do curral improvisado dos pawnees e notou que a única sentinela não estava em seu posto habitual, como

nas noites anteriores, mas exatamente onde poderia ser mais perigosa. Era necessário matá-la. No entanto, quando Castor Manco ia avançar para cortar a garganta da sentinela, um coiote uivou. Atirando pedras, os pawnees correram atrás do animal e, nesse momento, Castor Manco lançou-se dentro do curral, agarrou um belo cavalo baio pela crina, pulou para cima dele e afugentou muitos outros em direção ao norte.

Cavaleiros pawnees iniciaram uma perseguição imediata. Quando o sol nasceu, o orvalho começou a desaparecer da relva. Alguns dos cavalos de Castor Manco se espalharam, mas outros continuaram a galopar com ele. Os batedores pawnees exploravam as planícies, levantando nuvens de poeira, sem se preocuparem muito com os cavalos desgarrados que se separaram da pequena manada de Castor Manco.

Depois da provação da Dança do Sol, nem a poeira, nem a fadiga ou a ansiedade intimidavam Castor Manco. Do meio da tarde em diante, enquanto cavalgava para o Platte, parecia sentir-se cada vez mais forte, mas, ao chegar ao rio, enfrentaria um problema crucial: como obrigar os cavalos sem cavaleiros a entrarem na água e saírem na outra margem?

O que lhe valeu foi que Nariz Vermelho e outros homens da tribo andavam procurando castores nas margens do rio. Quando viram Castor Manco atravessando a planície, correram em seu auxílio e cercaram-no para protegê-lo e aos cavalos roubados. Os pawnees se detiveram a al-

guma distância e pouco tempo depois se retiraram prudentemente.

Nessa noite, Castor Manco foi aclamado nos Morros Cascavel, pois havia trazido não apenas seu enorme garanhão baio, mas 18 outros cavalos. Ofereceu um a Nariz Vermelho, outro a Joelho de Pau e uma bonita égua pampa a Folha Azul; os outros entregou-os ao conselho.

Apesar de tudo isso, Castor Manco não marcou ponto, pois não havia tocado num pawnee. Também não fazia alarde de sua façanha. Sempre que os curiosos lhe pediam para contar como havia capturado sozinho 19 cavalos, ele dizia apenas: «Foram uma dádiva do Sol.»

### Frente a frente com Morte Nunca

NOS ANOS em que Nosso Povo se instalou nas terras entre os dois rios Platte, foi cercado por inimigos, e ali a vida era difícil. Assim mesmo, podia confiar num aliado — os cheyennes — a melhor tribo de índios das planícies.

Outrora tinham sido inimigos fígadais. O avô de Castor Manco havia lutado muitas vezes contra os cheyennes. Um dia, chefes importantes das duas tribos se reuniram e ponderaram: «É absurdo estarmos nos destruindo. Partilhamos muitas coisas.» Fumaram o cachimbo da paz e, a partir de então, nunca mais nenhum cheyenne lutou contra um bravo de Nosso Povo.

Isso era mais notável ainda porque Nosso Povo estava confinado a um convívio muito limitado, pois falava o mais difícil dos idiomas indígenas

— tão difícil, na verdade, que nenhuma outra tribo, exceto um ramo aparentado, os Gros Ventres, jamais aprendeu a falá-la. Assim mesmo, a língua conseguia sobreviver, embora só fosse falada por 3.000 indivíduos, que constituíam toda a população do Nosso Povo. Na realidade, cada tribo com as quais Nosso Povo contatava só sabia falar sua própria língua. Mesmo as tribos inimigas não eram muito mais numerosas. Os utes tinham 3.600 indivíduos; os comanches, 3.500; os pawnees, cerca de 6.000. Os grandes cheyennes, que seriam famosos na história, tinham apenas 3.500 indivíduos. Essas tribos só podiam se comunicar entre si em linguagem de sinais, a qual todos os índios das planícies entendiam.

No ano de 1776, os chefes cheyennes enviaram um mensageiro a Nosso Povo. Por meio de sinais, ele disse: «Comanches entre o Platte e o Arkansas pilham e matam. Vamos fazer guerra contra eles e eu vim procurar auxílio.»

Só poderia haver uma resposta a tal pedido. Assim, no fim do verão, um exército de cheyennes auxiliado por Nosso Povo cavalgou para o sul a fim de dar uma lição aos comanches. Certa noite, os guerreiros começaram a falar sobre Morte Nunca: «Lutei já contra ele. É invencível.»

Muitas das narrativas confirmavam isso. Todas as tribos que vagavam pelas planícies contavam histórias de como esse bravo comanche, montando seu cavalo negro, possuía um «feitiço forte» que não deixava as flechas penetrarem em seu corpo.

Por isso, quando as duas tribos se aproximaram do rio Arkansas, tornaram-se mais cautelosas, procurando a melhor posição para o ataque. Finalmente, seus batedores lhes disseram que, atravessando o Arkansas e atacando os comanches pelo sul, poderiam abrir uma brecha entre esses grandes cavaleiros e seus aliados apaches. Os chefes confabularam. Pelos cheyennes, falaram Mão Quebrada, Lobo Uivante, Contas Cinzentas e Charco de Bisão. Para o conselho, eles se vestiram com trajes de ritual e se enfeitaram com vistosas fitas de penas de águia pendentes das cabeças. Pelo Nosso Povo, falaram Flecha Certeira, Serpente Saltadora e Lobo Cinzento. Usando a linguagem de sinais e fazendo muitos desenhos na areia da margem do rio, eles idealizaram um plano que não teria sido mais perfeito se preparado por qualquer dos generais ingleses ou norte-americanos que se defrontaram nesse verão de 1776.

O grande conselho tinha sempre de levar em conta Morte Nunca; depois de longas discussões, Lobo Cinzento fez uma sugestão. Cada tribo forneceria três homens bem corajosos que teriam apenas uma missão: lutar contra Morte Nunca.

Lobo Cinzento procurou Castor Manco, Nariz Vermelho e Joelho de Pau, e se reuniram com os três homens escolhidos pelos cheyennes. Charco de Bisão deu-lhes instruções por sinais: «Qualquer que seja o desenrolar da luta, vocês não devem participar nela até Morte Nunca aparecer. Só lutarão contra ele.»

Então, Lobo Cinzento apresentou sua opinião: «É inútil atirar flechas nele. Não adianta tentar atravessá-lo com lanças. Matem-no a cacetadas!»

Finalmente, a grande batalha se desencadeou, mas, logo ao primeiro sinal de luta, todos os bons estratégias que os chefes tinham imaginado se desvaneceram, porque nas guerras de índios cada homem era seu próprio general e cada unidade se comandava a si mesma. Os cheyennes dirigiram-se para a aldeia comanche, mas no caminho encontraram um índio dessa tribo. Todo mundo quis marcar ponto nele e, quando o homem ficou morto com 11 flechas no corpo, a aldeia havia sido esquecida.

As coisas não corriam melhor para o inimigo. Os apaches tinham sido avisados de que deveriam agir rapidamente para proteger a aldeia, e talvez tivessem conseguido socorrê-la; só que, no último momento, encontraram um pequeno grupo de cheyennes que se tinham perdido ao perseguir um comanche, e toda a tribo apache se desviou para aniquilá-los. Só Castor Manco e seu grupo mantiveram o plano original.

A batalha degenerou numa peleja confusa, com os invasores mantendo uma ligeira vantagem. Então, surgiu um pequeno grupo de comanches, liderados por um homem forte e moreno que montava um cavalo negro. Era Morte Nunca, e sua chegada inspirou tanto ânimo a seus aliados que estes lançaram um contra-ataque aos cheyennes, calculando que, se pudessem aterrorizar esses guerreiros, Nosso Povo fugiria automaticamente.

Castor Manco e seus cinco companheiros cavalgaram rapidamente para Morte Nunca e seguiu-se uma luta violenta. Ele era tão forte como se dizia, e logo um cheyenne foi morto. Morte Nunca então fez uma investida para a zona da batalha principal, mas Castor Manco o interceptou, enquanto os dois cheyennes restantes, ignorando as flechas, o agrediam com suas clavas. Morte Nunca tentou fugir delas e se afastou; mas Castor Manco obrigou o cavalo a galopar e avançar para o centro do grupo. Bateu na cabeça do inimigo com a clava, e então saltou sobre ele, arrancando-o do cavalo.

Quando os dois caíram, Castor Manco notou que o corpo de Morte Nunca parecia feito de ferro. Ao bater no chão, com Castor Manco por cima, retiniu. Era uma criatura aterrador e Castor Manco esperou ser eliminado de alguma maneira mágica.

Castor Manco, que havia perdido a clava, juntou as duas mãos, ergueu os braços e deixou cair o peso das mãos cerradas no rosto de Morte Nunca. Atordoado, o comanche tombou para trás. Castor Manco bateu-lhe mais e mais. Ouviu ossos do crânio do comanche se quebrando, e, depois de um golpe final, viu a cabeça do inimigo pendente de forma estranha em relação ao corpo. Seus dois companheiros cheyennes, cavalgaram gritando, rindo e proclamando vitória. Ajoelhando na terra, Castor Manco apontou para o adversário caído e disse, por gestos: «Feitiço poderoso, não há mais.»

Na manhã seguinte, os comanches e apaches derrotados procuraram conferenciar com os cheyennes. Os vencidos propuseram que todos os prisioneiros fossem libertados, e isto foi feito. Então, ofereceram 20 cavalos aos cheyennes em troca da «camisa de ferro» que seu grande chefe tinha usado e que lhe fora arrancada depois de morto. A camisa foi exibida para que todos se maravilhassem, uma couraça de ferro e prata, feita séculos antes na Espanha, desenterrada da sepultura de um explorador espanhol que havia morrido naquelas terras em 1542. Por muito tempo, a couraça tinha constituído um tesouro para os comanches. Água Profunda, chefe comanche, disse por sinais: «Para seus guerreiros, isto não tem valor nenhum. Para nós, é o grande feitiço de nossa tribo.»

Houve um momento de hesitação, que Castor Manco quebrou sem autorização, fazendo o sinal correspondente a «oitenta cavalos». Sem qualquer hesitação, Água Profunda fez menção que concordava.

Nessa grande batalha, que fixou a fronteira meridional por quase 40 anos, e foi por isso a mais importante peleja entre índios durante meio século, 113 comanches e 67 apaches lutaram contra 92 cheyennes e 39 de Nosso Povo. Os guerreiros do sul perderam 28 homens, entre os quais Morte Nunca; os do norte tiveram 16 baixas, inclusive Lobo Cinzento.

Os vencedores voltaram para seu acampamento com 80 cavalos dos comanches e mais 19 capturados aos apaches. Por muitas noites, foram re-

latados episódios da batalha, mas nenhum era tão falado como o de Castor Manco, quando lutou corpo a corpo, só com as mãos, contra Morte Nunca e descobriu o segredo de seu feitiço poderoso.

### Nove cavalos perdidos

NO ANO de 1782, quando Castor Manco tinha 35 anos, uma grande mudança se verificou nas planícies, só comparável em importância ao aparecimento do cavalo.

-Nesse ano, através de comerciantes de St. Louis, os pawnees adquiriram armas de fogo em quantidade, e aprenderam como usá-las. As outras tribos mais distantes, a oeste, sabendo da vantagem apavorante de que desfrutavam os pawnees, só tinham um desejo — obter armas também. No entanto, como não tinham ainda começado a comerciar com os brancos, continuaram sem dispor de armas.

Alguns homens de Nosso Povo estavam acampados perto dos Morros Cascavel. Certa manhã, um menino chegou correndo e informou: «Um grupo de guerreiros pawnees nos choupos!» Os chefes enviaram imediatamente batedores, que voltaram com más notícias: «Quinze pawnees. Bons cavalos. Quatro *bastões pretos*.»

O conselho decidiu que o acampamento fosse abandonado logo, mas Castor Manco e outros sete guerreiros tiveram permissão de se manter na retaguarda para atraírem os pawnees, na esperança de obterem de alguma forma pelo menos uma das armas.

«Precisaremos de alguns cavalos para usar como isca», disse Castor Manco. Receberam dezesseis, oito dos quais soltaram na direção do Platte do Sul, para chamar a atenção dos pawnees.

A luta começou quando os 15 pawnees se espalharam em leque a fim de conduzirem para o rio os cavalos que pastavam. Castor Manco deixou que essa manobra prosseguisse, pois isso enfraqueceria as forças dos inimigos. Quando já estavam bem espalhados, ele e Joelho de Pau fizeram uma investida arrojada pelo campo adversário.

Conseguiram atravessá-lo, mas ficaram envolvidos pelo inimigo. A manobra não foi acidental — obedecia a uma estratégia destinada a distrair a atenção dos pawnees, permitindo aos outros guerreiros de Nosso Povo atacar os dois flancos.

A princípio, o líder pawnee pensou que poderia liquidar os dois intrusos sem usar as espingardas, mas Castor Manco e Joelho de Pau foram tão impetuosos em sua investida que as táticas convencionais não poderiam contê-los.

Ouviu-se um estampido, subiu uma nuvem de fumaça e Joelho de Pau caiu do cavalo, com o peito dilacerado. Pelo sangue que jorrava, Castor Manco compreendeu que o amigo devia estar morto. Deu volta com o cavalo e avançou para o pawnee que havia atirado. Agarrou a espingarda fumegante com as duas mãos e arrancou-a das mãos do inimigo. Seu ímpeto o levou para fora das linhas pawnees e o trouxe de volta à sua gente.

«Consegui uma!», gritou, acenando com a espingarda.

Neste momento, os bravos de Nosso Povo no flanco esquerdo se reorganizaram e iniciaram uma investida contra os pawnees, que foram recuando, atirando com outra espingarda e levando os oito cavalos, mais o de Joelho de Pau, através do Platte.

A luta não ficara decidida. Nosso Povo havia perdido nove cavalos, o que constituía pesada derrota, e tinha perdido também Joelho de Pau, homem corajoso com muitos pontos a seu crédito. Contudo, os pawnees tinham sido repelidos, deixando dois mortos no campo de batalha e perdendo uma preciosa arma.

Castor Manco enviou um mensageiro para informar os chefes de que podiam voltar em segurança. Enquanto esperavam, estudaram a espingarda. Já tinham visto ferro antes, e alguns possuíam facas feitas desse metal, mas nunca o tinham visto convertido num objeto tão bem trabalhado. Deixaram cair pedras no cano e deduziram que estas se tornariam projéteis mortais. No entanto, não conseguiam compreender o mecanismo de detonar. Sua perfeição era coisa muito complicada para eles.

Quando chegou o momento de contar pontos, ficou resolvido que Castor Manco ganhara um, pois havia tocado o pawnee que segurava a arma, mas naquela noite ele perdeu as honrarias que havia conquistado. Enquanto observava Folha Azul armando a tenda deles, notou um estranho chocalhar. Olhando em volta, viu uma grande cascavel enrolada,

que se preparava para atacar Folha Azul. Agindo instintivamente, bateu no animal com a arma capturada.

Um grupo se juntou e uma mulher gritou: «Castor Manco matou uma cobra grande.» Um menino que estava perto acrescentou: «Mas ele quebrou o bastão que fala!»

Ao pôr-do-sol, guerreiros silenciosos se reuniram, olhando espantados para Castor Manco, que ficou segurando a espingarda pelo cano, agora com a coronha e o mecanismo de detonar quebrados.

#### Na tenda

Nosso Povo, que dependia do bisão, tornou-se como eles. Os animais lanudos dividiam-se em duas manadas: uma concentrada nas planícies ao norte do North Platte; outra que permanecia nas planícies ao sul do South Platte. Nosso Povo também se dividiu em duas tribos: a do norte e a do sul.

Castor Manco e seu pequeno grupo, liderados por Serpente Saltadora, pertenciam ao grupo do sul, e, embora às vezes se deslocassem muito para o norte, em direção à zona do Corvo, voltavam sempre àquelas terras férteis entre os dois Plattes para armar suas tendas perto dos Morros Cascavel. No entanto, não viviam aí; eram nômades caçadores, que iam para onde o bisão fosse. Em alguns anos, não acampariam a menos de 150 quilômetros dos Morros Cascavel.

Essas mudanças constantes, mais freqüentes desde que conseguiram cavalos, tiveram uma conseqüência

inesperada. Seus trenós passaram a ser feitos com dois paus usados de outra maneira, para carregar a tenda, e, ao serem arrastados quilômetros e quilômetros por terrenos acidentados, suas pontas iam se desgastando tanto que os paus ficavam demasiado curtos para servir de suporte às tendas.

Arranjar outros novos era difícil. Nosso Povo chegava a passar um ano e meio nas pradarias, onde nunca se via uma árvore — e, quando havia alguma, era um choupo, que não servia para fazer de tenda. Só mais ao norte conseguiam encontrá-los, mas tinham de obtê-los na base da troca — sete por um cavalo.

No fim de uma jornada, Castor Manco gostava de se deitar e ver sua mulher armar a tenda, pois ela fazia isso com habilidade e certa graça. Primeiro, começava pelos três mastros principais, que espetava no local onde devia ficar a tenda. Depois, com correias de couro de antílope, amarrava os mastros em cima, a cerca de um metro da extremidade. Assim, fazia um tripé, com as extremidades mais grossas das estacas cravadas no chão.

Em seguida, pegava em alguns paus menores, mais curtos e menos retos que os mastros, e apoiava-os no ponto em que estes tinham sido amarrados. Sobre essa armação, colocava as peles curtidas de bisão que formavam a cobertura, estendendo-as de baixo para cima e amarrando-as no alto com uma tira de couro.

As peles deviam ficar normalmente esticadas sobre os mastros, e a mulher que armava a tenda tinha de se certi-

ficar que a porta ficasse virada para leste. Era inconcebível que uma tenda tivesse a porta voltada para outra direção. No alto, eram colocados mais dois paus, que serviam para regular a ventilação.

Quando a mulher terminava sua tarefa, Castor Manco retirava do trenó várias arcas de couro parcialmente curtido, tão duras que mais pareciam feitas de madeira. Delas, Folha Azul tirava as camas, utensílios de cozinha e outros objetos.

Castor Manco se encarregava de armar sua própria cama, constituída por um estrado baixo de madeira sobre o qual colocava uma esteira feita de varas de salgueiro cuidadosamente polidas. Por cima destas, estendia duas mantas macias de pele de bisão, e a «parede» de fundo da tenda era guarnecida com outra pele de bisão curtida por um processo que lhe dava a consistência de pergaminho. Sobre ela, utilizando corantes especiais e estiletos que serviam de pincéis, Folha Azul tinha desenhado cenas memoráveis da vida do marido.

Como nenhuma tribo estava constantemente em guerra, nem podia caçar bisões quando não havia nenhum; como naquele tempo os índios não tinham livros e os homens de Nosso Povo não podiam conversar com os de outra tribo; e como também não havia necessidade de reuniões constantes, Castor Manco passava muitas semanas sem nada que fazer. Então, reunia alguns jovens à sua volta e, sentado na cama, relatava como tinha lutado com Morte Nunca e capturado a primeira espingarda. Era

meticuloso em suas narrativas, dando sempre o justo apreço a Joelho de Pau e Nariz Vermelho — o primeiro já falecido, e o segundo agora chefe eminente. Castor Manco não contava pontos que não tivesse conquistado justamente, e ninguém ousava interromper sua narrativa para perguntar: «Quem viu você marcar esse ponto?» Seus pontos eram parte da história tribal e tinham sido gravados na pele que sua mulher pintara.

### O acampamento dos deuses estranhos

No fim do inverno de 1799, batedores informaram que dois homens estranhos estavam avançando na direção do Platte. Não tinham pele vermelha como a dos pawnees, de cujas terras vinham, nem sequer se vestiam como índios. Suas cabeças eram cobertas por peles de castor e arrastavam um trenó que deslizava facilmente pela neve. Ambos tinham espingarda, e no trenó traziam mais duas. Por isso, supunha-se que fossem ricos — só que não tinham cavalos.

Os batedores mantinham-nos sob vigilância e iam dando quase sempre as mesmas informações: «Hoje, avançaram mais um pouco para oeste. Um deles é baixo, quase tão escuro como um ute; o outro é mais alto, com pelo avermelhado no rosto.»

Quando atingiram a confluência entre o córrego do Castor e o rio Platte, pararam. Tinham descoberto algo que lhes agradara e montaram ali acampamento permanente, raspando a neve de uma área plana e cons-

truindo um abrigo baixo com paus de choupo. Nenhum dos deuses estranhos (assim eram chamados nos Morros Cascavel) podia entrar no abrigo sem se abaixar ligeiramente.

Uma noite, rastejando até chegar bem perto, Castor Manco observou-os desenrolando uns pacotes de onde tiravam umas coisas pequenas que brilhavam. Castor Manco já tinha visto objetos semelhantes. Em outra ocasião, observou o deus mais alto pegando peixe no rio, e ficou tão interessado que não deu pela aproximação do deus mais baixo. Antes que Castor Manco pudesse correr, o estranho chegou bem perto e ficou ali, olhando para ele. Nesse momento, Castor Manco percebeu que aqueles estranhos não eram deuses — eram homens como ele. Correu de volta à tenda para relatar a Folha Azul o acontecimento.

Embora a princípio não acreditasse, finalmente ela sugeriu: «Se são como nós, e se vão viver entre nós, devíamos falar com eles.»

«Foi o que pensei», disse Castor Manco. Corajosamente, dirigiu-se para o acampamento dos estranhos e ergueu as mãos em gesto de saudação.

Na presença do índio, o homem mais baixo começou a exhibir uma infinidade de coisas que haviam trazido pelo rio. Uma arca tinha contas cintilantes, de diversas cores, todas enfiadas num cordão; em outro pacote havia cobertores, não de pele de bisão, mas feitos de um material desconhecido, macio e flexível. Então, o homem abriu uma arca especial, e dentro brilhou uma das coisas mais belas que

Castor Manco já vira: um metal duro, como o cano de uma espingarda, mas brilhante e branco.

«Prata», disse o homem baixo repetidas vezes, «prata», mas, quando Castor Manco quis pegar no metal, o homem recuou com ele e mostrou-lhe uma pele de castor. «Castor», repetia ele, querendo dizer que, se os índios lhe trouxessem peles, receberiam ornamentos de prata. Então, para provar suas boas intenções, colocou um bracelete diante de Castor Manco.

No dia seguinte, este reuniu a tribo e revelou sua descoberta. Garantiu aos chefes que os visitantes não eram deuses, que tinham vindo em missão de paz e queriam apenas comerciar. Em seguida, juntou todas as peles de castor disponíveis, colocou-as num trenó e dirigiu-se a cavalo para onde os visitantes esperavam com suas mercadorias tentadoras. Quando começaram as trocas, no entanto, ele fez ver que não queria quinquilharias de prata nem cobertores vistosos. Apontando resolutamente para uma das espingardas, deu a entender aos homens que não estava interessado em qualquer outra coisa.

O mais alto, de barba ruiva, vacilou, dizendo ao companheiro: «Se obtiverem espingardas, serão tão maus como os pawnees.» Afastou a arma, mas o homem baixo foi buscá-la e entregou-a a Castor Manco, dizendo em francês: «Eles conseguirão obter rifles mais cedo ou mais tarde. Se os obtiverem por nosso intermédio, será mais fácil cederem as peles.»



Assim Nosso Povo teve seu primeiro contato com o branco, começou a comerciar com ele e obteve rifles.

### Última batalha

No COMEÇO do outono, os choupos alinhados ao longo dos rios e córregos ostentaram por breve período uma beleza efêmera em suas folhas douradas, que os primeiros ventos de inverno logo arrancaram, deixando os galhos das árvores nus.

No ano de 1803, quando Castor Manco estava com 56 anos, a transformação dos choupos augurava uma época sombria. Não queria enfrentar outro inverno. O frio havia se tornado mais impiedoso para ele à medida que os anos passavam; e o índio já não sentia prazer em se sentar de pernas cruzadas na cama, maravilhando os mais jovens com suas façanhas do passado. Sua decadência havia começado há alguns anos, quando quebrara um dente num pedaço de carne seca de bisão; no ano seguinte, perdera outro da mesma maneira, e depois mais dois. Assim, ficou na contingência de comer carne pilada

com sebo, que era mais macia e da qual nunca tinha gostado.

Os amigos de outros tempos iam morrendo. Nariz Vermelho falecera no inverno anterior, e Joelho de Pau tinha desaparecido há muito. Homens mais moços assumiam o comando e, embora mantivessem alto o moral da tribo, agiram mal nas negociações com os comanches e permitiram que os pawnees penetrassem tanto a oeste que, agora, Nosso Povo estava prestes a ficar confinado num território insignificante ao redor dos Morros Cascaavel. O ânimo de Castor Manco era já débil quando os batedores chegaram ao acampamento com a notícia de que os pawnees tinham capturado uma moça para usá-la num ritual.

«Temos de recuperá-la!», esbravejou ele, relutando em considerar qualquer alternativa. Negociá-la? Nunca. Entregar mais terras de caça? Nunca. Cavalos, peles, espingardas? Ele não podia admitir isso. «Vamos cavalgar para leste e trazê-la de volta!», gritou.

Muito agitado, procurou a mulher e conversaram por longo tempo. Ela compreendia muito bem a gravidade

do problema que o marido tinha em mente e as terríveis conseqüências que daí poderiam advir, mas, assim mesmo, o apoiou. Ele havia sido um bom marido, melhor do que a maioria dos homens de Nosso Povo, e isso era um grande elogio, pois eles, como os cheyennes, eram bons e fiéis a suas esposas. Portanto, ela não recebeu com surpresa sua declaração: «Quando marcharmos contra os pawnees, eu me amarrarei num poste.»

Sua disposição de se sacrificar levantou uma ondã de patriotismo na tribo. Os preparativos começaram logo, pois o ataque tinha de ser desencadeado antes da primeira nevasca. Jovens guerreiros tratavam de seus cavalos e untavam os rifles com sebo de bisão.

Chegou o dia em que o grupo de guerreiros ficou pronto para se dirigir para leste. Estava frio e as folhas haviam caído dos choupos. Castor Manco despediu-se da esposa. Levava um bom cavalo, um rifle e uma bolsa de couro. O sinal foi dado e ele deixou os Morros Cascavel pela última vez.

Nosso Povo marchou para leste, cautelosamente, até chegar a um grande acampamento do inimigo. No entanto, os homens de Nosso Povo não sabiam se os pawnees mantinham ali a moça destinada ao sacrifício, ou se em outro aldeamento. Tanto tempo se passara desde sua captura que ela, provavelmente, já estaria morta. Todos admitiam isso, menos Castor Manco. Este continuava dizendo: «Vamos levar nossa jovem de volta.»

A participação de Castor Manco na luta era evidente: «Eu me amarrarei no poste... lá. Não lutarei com qualquer guerreiro que venha ao meu encontro; esperarei o grande chefe Água Forte, e atirarei para matar. Os pawnees ficarão em pânico, e então teremos a moça.» Ninguém duvidava de que ele fizesse exatamente o que prometera. A batalha se desenrolaria em volta dele e, se fosse possível desarticular o primeiro ataque dos pawnees, Nosso Povo teria uma boa probabilidade de vitória.

Pela manhã, o grupo avançou de acordo com o plano; depois esperou, enquanto Castor Manco tomava posição onde o ataque dos pawnees seria mais violento. Batendo com uma pedra, enterrou o poste no chão. Ouviram-se gritos, e Nosso Povo atacou a entrada oeste da aldeia.

Os pawnees contra-atacaram, e depressa localizaram Castor Manco amarrado no poste, com o rifle pronto para disparar. Esperavam que ele atirasse; por isso, os primeiros cavaleiros desviaram-se para evitar os tiros. Quando viram que ele não disparava, os que vinham atrás passaram impetuosamente por ele e um atingiu-o no ombro esquerdo com a lança, deixando-a cravada em seu corpo. Castor Manco tirou a lança com um puxão, arrancando um pedaço de carne. As coisas começavam a correr mal.

Água Forte não tinha aparecido, nem tampouco no segundo ataque. Mais uma vez, um lanceiro pawnee desferiu um golpe, atingindo Castor Manco na perna esquerda. Com cora-

gem, este arrancou outra farpa, colocando as duas lanças a seu lado para o caso de precisar delas.

No terceiro ataque apareceu Água Forte, um índio de bela aparência. Supondo que Castor Manco estivesse gravemente ferido, tocou o cavalo diretamente para o homem amarrado. Castor Manco fez pontaria e atirou. Água Forte caiu do cavalo e morreu. O velho índio recarregou a arma e disparou contra outro inimigo.

O pânico começou a reinar entre os pawnees, mas alguns cavaleiros em retirada ainda investiram contra Castor Manco e diversos o feriram. Este sangrava agora de vários ferimentos. Quando um quinto pawnee lhe enterrou a lança nas costas, fazendo-a sair pelo peito, Castor Manco foi liquidado. Segurando a ponta exposta da lança, começou a cair para frente, mas ainda conseguiu balbuciar umas palavras da canção de despedida: «Só as pedras resistem eternamente...»

Um tremor passou por seu corpo, sufocando-lhe o canto. Com um esforço inaudito, tentou arrancar a lança do peito, mas suas forças esmoreceram e tombou no campo da luta.

Serpente Saltadora determinou que Castor Manco tivesse um funeral de chefe. Às margens do Platte, foi construída uma alta plataforma de madeira entre três choupos. Sobre ela foi colocado o corpo dilacerado do herói. A seu lado, ficou o poste ao qual se amarrara, com as correias de couro balouçando ao vento. O cadáver foi coberto com uma manta. Num dos choupos, foi pendurada a cabeça do

cavalo que Água Forte montava; em outro, a cauda. A lança dos pawnees, com a qual ele se defendera no fim, foi colocada horizontalmente sobre seu corpo. Lá bem no alto, dominando as planícies que amara e o rio que atravessara tantas vezes, Castor Manco, o homem que marcara tantos pontos, finalmente repousou.

### **Glória selvagem**

QUANDO os chefes se reuniram para contar pontos da batalha contra os pawnees, o cerimonial foi imponente. Calçaram as perneiras franjadas que usavam no inverno, vestiram os coletes decorados com grandes penas e dentes de alce, e colocaram esplêndidos cocares de tecido cravejado de pedras coloridas e adornado com penas de águia.

«Ele marcou ponto em Água Forte», disse um dos chefes, «no guerreiro que lhe feriu a perna e no que o atingiu no braço. Com uma lança do inimigo, marcou ponto no pawnee de camisa rasgada e no do cavalo castanho. Tentou marcar ponto no inimigo que cravou a lança em suas costas, mas não conseguiu.»

Os grandes chefes decidiram que, graças ao heroísmo de Castor Manco, sua fronteira leste estaria em segurança por mais alguns anos. Depois de tal derrota, os pawnees não desejariam invadir tão cedo as terras de Nosso Povo. Talvez voltassem a atacar no futuro, mas, no presente, Nosso Povo podia concentrar sua atenção nos problemas do inverno que se aproximava.

AGORA, no acampamento de Nosso Povo, iria se manifestar uma das mais rudes tradições da tribo. Como Folha Azul já não era esposa de um guerreiro, não tinha direito a uma tenda só para ela. As mulheres de Nosso Povo rasgaram a tenda em pedaços e ficaram com eles. Os postes foram retirados do solo e despojados de sua forração de pele. O tapete de bisão, com pinturas dos muitos pontos de Castor Manco, também desapareceu.

No fim do dia, Folha Azul ficou sem nada de seu, salvo o que trazia vestido. A lei das planícies era implacável: para uma velha viúva como Folha Azul, sem nenhum filho para protegê-la nem nenhum cunhado que a convidasse para sua tenda, não havia lar — e não poderia haver.

Na terceira noite depois da morte de Castor Manco, caiu uma nevasca e Folha Azul não pôde procurar abrigo senão entre os cavalos que tremiam. Ela ainda não tinha comido nada nesse dia e estava extremamente fraca, mas, ao se arrastar para junto dos cavalos, não se queixou. Sabia que aquele era o preço da atitude heróica do marido, e que esse seria também o destino da mãe dela e das tias. Não podia esperar nada melhor.

Na manhã seguinte, foi encontrada morta por congelamento. Desta maneira prática, Nosso Povo se libertava do ônus de uma mulher velha que deixara de ter utilidade para a tribo.

CASTOR MANCO morreu no fim de uma época — a mais grandiosa das que os índios do Oeste norte-americano haveriam de conhecer. Durante

sua curta sobrevivência, um grupo de índios do norte tinha se deslocado para o sul, caçando bisões a pé, e sempre confinado pelas circunstâncias a áreas muito restritas. Em suas novas terras no Platte, haviam encontrado cavalos, conhecido espingardas e levado um modo de vida selvagem, que preservava os bons costumes do passado enquanto adotava os novos.

Nosso Povo e os cheyennes! Como eram pouco numerosos, mas indomáveis em sua raça! As tribos juntas nunca chegaram a ter sete mil indivíduos, o que significava que não devia haver mais de três mil homens, e, desses, talvez só mil fossem guerreiros; portanto, só menos de metade da população era constituída por homens válidos para combater.

Os cheyennes e os arapahos (este era o nome pelo qual as outras tribos chamavam Nosso Povo) nunca eram a maioria em qualquer lugar que ocupassem. Entretanto, esses poucos homens, altos e bronzeados, montados em seus cavalos, decididos na guerra e justos na paz, cavalgaram heroicamente pelas planícies e por isso entraram para a história do continente norte-americano. Dominaram sua época e seu território. Defenderam seus lares com valor, e tiveram que deixar suas planícies não derrotados, mas cobertos de glória. Em seus últimos dias, se amarravam a postes em campo aberto e enfrentavam as lanças que vinham em sua direção. Terá havido outro grupo de mil homens na América que tenha deixado uma impressão tão profunda na história de uma nação?